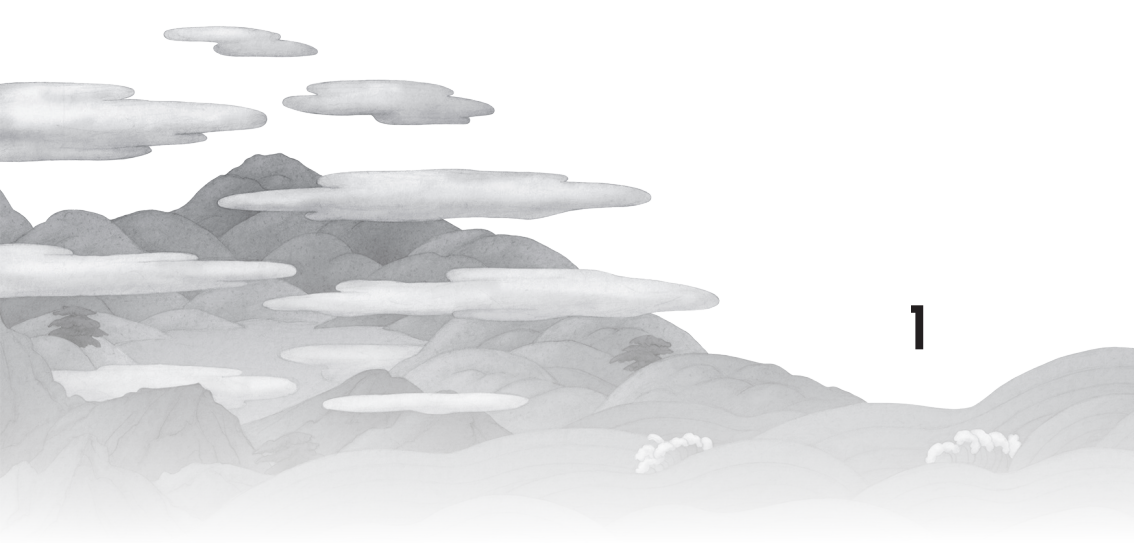


1

Quando cheguei à minha porta de embarque no Aeroporto de Logan, descobri que havia muitos estudantes sino-americanos a embarcar no voo da United de Boston para Taipé, com escala em São Francisco.

Na verdade, reconheci um deles. Tínhamos tido algumas aulas juntas e eu tinha quase a certeza de que ela se chamava Joyce ou Jessica. Não conhecia os outros. Contudo, sabia que eram sino-americanos a caminho para estudarem chinês em Taipé, porque estávamos na primeira semana de junho, quando todos os programas de línguas intensivos de verão começavam, e porque estavam a falar sobre se a escala seria suficientemente longa, se teriam de passar por outra verificação de segurança e se teriam de voltar a despachar as malas antes do próximo voo. Pareciam chineses, mas não chineses a *sério*. Notava-se pelo bronzeado de verão, as faces rosadas, o cabelo acastanhado devido ao sol. Os sino-americanos pareciam sempre chineses que tinham passado por uma grelha.

Dois deles eram claramente amigos e os outros pareciam, pelo menos, conhecer-se. Uma rapariga estava a usar uma camisola de Harvard, por isso presumi que fossem estudantes da região. Talvez fossem para a Academia Harvard de Taipé, uma rival do programa que eu iria frequentar. Agora, conversavam sobre as suas listas de coisas a fazer, que envolviam sobretudo comida: a famosa sopa taiwanesa de *noodles* com carne, as *guyozas* de sopa de trufa negra do Din Tai Fung original, o *takoyaki* e os cubos de bife grelhados no Mercado Noturno de Shilin, o frango assado do Hawker Chan's.

Essas comidas também estavam na minha lista de coisas a fazer. Tínhamos lido os mesmos blogues de viagens. Íamos todos para a mesma cidade para fazer as mesmas coisas nos mesmos becos. Isto não me deveria ter surpreendido, mas era estranho partilhar um itinerário com tantos alunos do meu tipo, partindo do mesmo aeroporto no mesmo dia, dando a volta ao mundo exatamente com o mesmo propósito. Uma hora antes, quando me despedi dos meus pais, tinha-me sentido adulta, aventureira; aqui estava eu, a caminho de passar dez semanas num país que nunca tinha visitado para aprender uma língua que esquecera há muito. Estava numa viagem de amadurecimento para me reconectar com a minha cultura. Acontece que muitos alunos também estavam numa viagem para se reconectarem com a sua cultura.

Embarcámos. A rapariga com a camisola de Harvard e um dos seus novos amigos estavam sentados na fila à minha frente. Ficaram maravilhados com esta coincidência e, naturalmente, começaram a namoriscar. Ele estudava no MIT. Ela estudava em, sim, em Harvard. Ela conhecia a Priya? A Priya, de Choate? Ele conhecia o Pete? O Pete, do clube de cinema? Sim, uau! O mundo era tão pequeno. Ele ia fazer uma digressão pelo Japão depois; cinco dias em Tóquio, cinco em Quioto. Ela iria à China continental visitar alguns parentes.

— Os meus avós vivem em Cantão — disse-lhe ela. — Mas nunca passei muito tempo com eles. Quando melhorar o meu chinês, poderei conhecê-los melhor.

A minha família também era de Cantão! Eu também queria conhecer os meus avós! Quase me inclinei para a frente e lhe toquei no ombro para partilhar isto, mas pensei no modo como me sentiria se um bisbilhoteiro me tocasse no ombro para interromper e fiquei calada.

Descobriram que tinham usado o mesmo manual de chinês nesse semestre e o rapaz começou a brincar com uma das personagens do livro, Wang Peng. Será que Wang Peng vai ficar com Li You? Wang Peng é um verdadeiro alfa, não é? A rapariga riu-se e eu senti uma antipatia súbita e intensa por estes dois. Eu conhecia-os. Aposto que eram da Bay Area. Aposto que cresceram a frequentar o Kumon ou aulas de matemática russa. Aposto que participaram em grupos de afinidade asiático-americanos na faculdade, onde aprenderam técnicas de recorte

de papel e de servir chá e praticaram caligrafia em tapetes especiais, que ficavam pretos com água em vez de tinta, de modo que os seus traços trémulos e irregulares desapareciam ao secar. Aposto que choravam a ver filmes de Ang Lee e fingiam compreender os filmes de Wong Kar-wai. Aposto que davam aos amigos envelopes vermelhos recheados de bilhetinhos fofinhos no Ano Novo Lunar, como se fossem cartões do Dia dos Namorados. Aposto que compravam bolos-de-lua secos em charcutarias asiáticas caras para o Festival do Meio do Outono, prova de que mantinham vivas as antigas tradições. Aposto que tiravam *selfies* com estes bolos-de-lua e as publicavam no Instagram, com legendas copiadas e coladas do Google Tradutor: 中秋節快樂!

Os motores ligaram-se e eu esforcei-me para acompanhar a conversa. Queria ouvi-los falar em chinês para confirmar que a entoação era má, que o vocabulário era forçado — que eram fundamentalmente mais americanizados, mais corrompidos, do que eu.

Mas o chinês deles não era melhor nem pior do que o meu. Eu também tinha usado o manual de *Chinês Integrado*. Também eu conhecia Wang Peng. Estávamos no mesmo itinerário para podermos preencher a mesma lacuna gritante e a única coisa que resolveria isso era o passar do tempo — dez semanas em Taipé, imersos na nossa língua materna — até regressarmos com uma pronúncia perfeita e já não sermos tão maus a ser chineses.

Há algumas semanas, eu tinha realizado dois exames virtuais de admissão para determinar o meu nível de proficiência linguística. Um era uma prova escrita e o outro, uma entrevista. A prova escrita estava estruturada de forma que as perguntas se tornassem cada vez mais difíceis à medida que avançávamos, mas eu estava a sentir-me bem até chegar à secção final.

Esta era a parte de compreensão de leitura: quatro densos parágrafos de texto em chinês, seguidos de quatro questões de escolha múltipla sobre o conteúdo. Eu entrava sempre em pânico ao ver parágrafos inteiros em chinês. Sozinhos, os caracteres acabavam por ser legíveis para mim. Juntos, formavam uma impenetrável Grande Muralha de significados; os traços misturavam-se e, mesmo que abordasse os caracteres

um a um, eu não os conseguia descodificar com a rapidez suficiente para ligar os seus significados.

Não parava de olhar para o cronómetro. Restavam-me apenas onze minutos. Os meus olhos percorriam o primeiro trecho, tentando decifrá-lo, mas só conseguia distinguir frases aleatórias. Era uma carta de uma estudante universitária para os pais. Eu sabia-o porque começava com as palavras «Queridos Mãe e Pai,» e terminava com «a vossa filha, Fulana de Tal.» Eu era péssima com nomes chineses. Eram sempre compostos por substantivos raros que significavam coisas como «flor de ameixeira» ou «incandescência» — substantivos que eu não tinha razão alguma para ter estudado. Fulana de Tal estava a sair-se muito bem neste semestre. Havia qualquer coisa sobre os exames e as férias de Natal. Algo sobre uma janela aberta. A partir daí, perdi-me.

Saltei para as perguntas. As duas primeiras eram suficientemente fáceis. De quem era a carta? De uma estudante universitária. Em que semestre estava? Semestre de Inverno. A terceira questão era: Porque é que o quarto dela estava sujo?

Porquê, de facto? Tentei, mais uma vez, extrair pistas de fragmentos dentro da passagem. A janela estava aberta e algo tinha caído da secretária. Segui um palpite e escolhi a última resposta: *Por causa de um ladrão.*

As duas passagens seguintes envolviam motos e controlo de natalidade. Não tinha tempo para ler as passagens; ler as perguntas já era bastante difícil. Escolhi as respostas com base no senso comum. Porque é que a densidade do trânsito era um problema em Taipé? Porque havia carros a mais. Porque é que havia mais mulheres taiwanesas a usar métodos contracetivos? Porque ter filhos era caro. Ocorreu-me que poderia simplesmente copiar as passagens para uma aplicação de tradução, uma vez que o *website* do exame não tinha protocolo contra copiar. Mas resisti. Tinha de ser sincera em relação às minhas fraquezas.

A passagem final estava escrita em chinês clássico. O chinês clássico era para o mandarim moderno o que o latim era para o inglês; ninguém o falava coloquialmente, mas citá-lo fazia-nos parecer mais inteligentes. Eu tinha decidido há muito que não havia razão para eu

saber, ou usar, o chinês clássico, por isso passei essas perguntas adiante e cliquei em enviar.

A entrevista foi realizada por vídeo. Eu estava nervosa, embora o objetivo fosse demonstrar o que não sabia para que me pudessem ensinar durante o verão. Tinha a certeza de que, assim que começássemos, eles iriam descobrir que eu não falava nenhum chinês e seria desmascarada como uma fraude, completamente incapaz de aprender. Tinha querido estudar intensivamente no dia anterior, mas não me consegui preparar de nenhuma forma significativa, porque se conseguisse aprender uma língua inteira da noite para o dia, não teria de ir a Taipé.

Tudo estava agendado à hora de Taipé — a prova seria à meia-noite para mim. Quando entrei na sala de reuniões virtual, vi uma imagem de vídeo de duas mulheres sentadas a uma mesa. Uma era mais velha e usava óculos, a outra era mais nova e parecia simpática. Apresentaram-se, respetivamente, como professora Zhang e professora Huang.

— Fale-nos de si — disse a professora Huang. Foi ela que falou durante toda a entrevista. A professora Zhang tomava notas e, ocasionalmente, sorria sem levantar os olhos.

— Sou estudante do segundo ano da Universidade de Yale e estou a formar-me em Estudos do Leste Asiático. — Consegui dizer tudo isto com muita naturalidade, uma vez que tinha pesquisado as traduções de «Yale» e «Estudos do Leste Asiático» na noite anterior. Tinha colado uma pequena folha de cábula no ecrã: traduções para frases como «falante de herança» e «imigrei quando era bebé» e «ambiente não chinês» e «esqueci todo o meu vocabulário porque nunca tenho motivos para falar chinês».

— Que tipo de aulas tem interesse em frequentar? — perguntou a professora Huang.

— Aulas?

— Sim! Temos uma grande variedade de aulas, aqui. Pode escolher disciplinas optativas sobre cultura, história, literatura e cinema.

— Eu gosto de literatura. — Assenti. — Literatura!

— Ah, muito bem! Lê literatura chinesa?

— Eu leio literatura chinesa. — Tinha lido autores chineses em tradução inglesa para um seminário de literatura mundial e esperava que isso contasse.

— Quais são alguns dos autores chineses de que gosta?

De repente, não me conseguia lembrar do nome de nenhum autor chinês que alguma vez tivesse lido, exceto Lu Xun, que não queria mencionar, porque Lu Xun era amplamente considerado o pai da literatura chinesa moderna. Dizer «Lu Xun» seria como dizer que o meu autor inglês favorito era Shakespeare. Por fim, consegui dizer:

— Zhang Ailing.

— Oh, que maravilha! Ela é muito conhecida na China. Pode falar mais sobre o que lhe interessa na obra dela?

Agora estava em apuros. Tínhamos saído do guião. Queria dizer que só tinha lido Zhang Ailing na tradução inglesa, mas que mesmo na tradução o seu poder descritivo e a sua perspicácia em relação às relações interpessoais tinham-me impressionado imenso, que achava a sua foto de autora a preto-e-branco, na qual ela usava um elegante *cheongsam*, ao mesmo tempo atraente e pretensiosa e que tinha passado muito tempo a pensar no que significava ser uma autora que desejava aclamação da crítica e também parecer bonita. Só que não sabia dizer nada disto em chinês.

Eis os termos que eu conhecia: «Segunda Guerra Mundial», «Xangai», «cidade», «relações». Estas eram todas palavras-chave que eu entendia estarem geralmente associadas a Zhang Ailing. Juntei estes conceitos com a gramática que tinha à minha disposição, enquanto repetia que achava tudo aquilo muito interessante, muito interessante. A professora Huang e a professora Zhang não deram nenhuma indicação de se esta resposta era boa ou má.

— Tem mais alguma pergunta ou gostaria de nos dizer mais alguma coisa?

— Oh, não — disse eu. — Hum, eu… — Queria dizer-lhes que estava desejosa de participar no programa, mas na altura, esqueci-me de como se dizia «desejosa». Não pensava que alguma vez me tivessem ensinado a dizer que estava desejosa de alguma coisa. Em vez disso, disse: — Estou muito feliz por poder ir a Taiwan. E estudar. Com vocês.

— Nós também estamos muito contentes por poder vir — disse a professora Huang. Ela sorriu radiante e acenou, mexendo os dedos. — Adeusinho!

Elas saíram da reunião. Fiquei algum tempo sentada à minha secretária, a olhar para as minhas mãos.

Anna estava à minha espera do lado de fora da porta de desembarque. Tinha chegado meia hora antes, num voo de ligação vindo de Tóquio. Há muito que tínhamos trocado números de voo, estudado os mapas do terminal e combinado um ponto de encontro, caso nenhuma de nós tivesse sinal de telemóvel, e, ainda assim, parecia um milagre termo-nos reencontrado ali, do outro lado do mundo. Observámo-nos — hálito fétido, ramelas nos olhos, cabelo oleoso — e rimos baixinho.

— Tens de ver as casas de banho — disse Anna. — São os sanitários públicos mais limpos que já vi em toda a minha vida.

Comprámos fichas para o comboio expresso roxo, que nos levaria do aeroporto até à Estação Central de Taipé em meia hora. Tínhamos pesquisado meticulosamente esta rota, tendo até visto o *vlogue* de um viajante que documentava toda a viagem, mas, ainda assim, foi um alívio saber que o ponto de venda das fichas existia realmente, que as fichas custavam o que a Internet dizia que custariam e quando o comboio roxo chegou de facto. Emergimos à superfície e vi uma expansão de arranha-céus diante de colinas que se transformavam em montanhas. Tinha lido que Taipé era uma cidade construída dentro de um vale numa ilha, o que significava abundância de chuva. Tudo estava húmido o tempo todo. Taipé não tinha o brilho intenso que eu associava aos trópicos; nada de praias douradas, nada de azuis vibrantes. Era tudo uma névoa húmida, montanhas e florestas a cintilar sob uma pátina verde molhada.

Anna e eu éramos as únicas turistas na nossa carruagem do comboio. Mais ninguém tinha malas tão volumosas e mais ninguém olhava pela janela como se nunca tivesse visto uma montanha antes. Imaginei que fossem passageiros que iam ou vinham do trabalho ou locais que regressavam de viagens curtas. O meu peito contraiu-se e, enquanto observava as colinas subindo e descendo à nossa volta, os meus olhos

lacrimejaram. Não sabia como dar sentido a este sentimento. Seria possível sentirmos saudades de um lugar onde nunca estivemos?

Eu e Anna tornámo-nos amigas porque nos sentávamos uma ao lado da outra na aula de línguas. A primeira coisa que notei nela foi a sua gargalhada. Ela ria-se sempre que alguém cometia um erro tonto, como quando diziam «cavalo» em vez de «mãe», ou «prostituta» em vez de «galinha» ou quando se esqueciam de usar a partícula verbal 了, portanto, em vez de dizerem «Eu fiz os trabalhos de casa», emitiam um «Eu faço os trabalhos de casa!» em pânico. Não era uma gargalhada maldosa — era adorável, uma gargalhadinha involuntária e, na maior parte das vezes, ela ria-se de si própria. Tinha um rosto de bebé redondo, cheio de boas intenções. A sua gargalhada libertava a turma toda. Podíamos arriscar, podíamos cometer erros, porque, na pior das hipóteses, isso faria Anna rir. Eu fazia sempre par com ela nos exercícios de grupo e ríamos sempre tanto que não conseguíamos terminar os diálogos que nos eram atribuídos — como quando eu tinha de fingir ser a mãe dela, desiludida com as suas notas, ou quando ela tinha de confessar que estava apaixonada pela minha irmã.

Não conhecia bem a Anna fora da aula de chinês. Na verdade, fiquei surpreendida ao ouvir a voz dela no aeroporto. Raramente tínhamos conversado em inglês pessoalmente; desde o fim do semestre, comunicávamos apenas por mensagens de texto e *e-mails*. Mas parecia ser melhor assim. Teria sido estranho vir a Taipé com qualquer outro amigo do meu primeiro ano — os amigos que conheciam o meu eu inglês, o meu verdadeiro eu. Anna só me conhecia em chinês. Isso significava que eu poderia construir uma identidade ali, à frente dela, e não pareceria que estava a fingir.

Tínhamos comprado cartões SIM no aeroporto e, a meio caminho entre Taoyuan e Taipé, comecei a receber sinal. Enviei uma mensagem à minha família: *Aterrei em segurança, estou a caminho do apartamento.* Já era noite avançada para eles, mas os meus pais responderam em segundos.

Tem cuidado, disse o meu pai.

Tem muito cuidado e bebe apenas água filtrada ou engarrafada, disse a minha mãe.

Jasmine, a minha irmã mais velha, não respondeu; nunca respondia a nada no *chat* da família. Mas havia uma mensagem da minha irmã mais nova, Flora. *Chegaste?*

Isso era uma cedência. Flora e eu tínhamos discutido antes de eu partir. Já me tinha esquecido do incidente que desencadeou a discussão — provavelmente algo disparatado, como ela ter-me roubado os meus calções de pijama favoritos —, mas a cena tinha-se transformado numa discussão apocalíptica. Flora não tinha ido ao aeroporto e eu não me tinha despedido dela. Eu sabia que a tinha deixado no meio de um colapso familiar, do tipo que acontecia a cada poucos meses. Eu sabia que ela estava mais com medo de estar sozinha do que zangada. E senti-me culpada por isso, mas não o suficiente para cancelar a minha viagem.

Sim! Enviei-lhe uma foto das montanhas.

Giro, escreveu ela. *Vais visitar a avó e o avô?*

Senti uma pontada de irritação. *Não nesta viagem.*

Não é muito perto?

Fica a horas de distância. E não tenho visto para o continente.

Uma pausa do lado de Flora. Depois: *Parece estranho voar até aí e não ir.*

Mas ela sabia que eu não tinha visto. Tinha estado presente durante essa luta. Só estava a perguntar para ser cruel. Não respondi e ela não me enviou mais nenhuma mensagem.

Na estação principal de Taipé, mudámos para a linha vermelha. Aí, comprámos passes de metro — cartões IC — e carregámo-los com dinheiro, um processo que demorou mais tempo do que eu achava que deveria demorar. Não era possível comprar cartões nas máquinas, apenas recarregá-los, por isso tivemos de pedir a um homem numa cabina de pagamento, mas ele só aceitava numerário. Então, encontrámos um multibanco e revezámo-nos para levantar dinheiro, protegendo as costas uma da outra caso fôssemos assaltadas. Eu tinha adquirido este hábito da minha mãe. Não importava em que cidade estivéssemos, qualquer caixa multibanco era um lugar onde podíamos ser assaltadas. O cartão em si custou 100 NTD e depois tivemos de adicionar o

crédito para o transporte. Conferenciámos: 600 NTD pareceu-nos um bom ponto de partida. A taxa de câmbio era de 30 NTD para 1 USD, pelo que eram vinte dólares num cartão de metro, o que parecia uma quantia razoável para se gastar num mês.

Eu estava a adquirir o hábito de dividir tudo por trinta. Anna e eu tínhamos recebido financiamento de um programa do governo taiwanês que incentivava os estudantes estrangeiros a estudar chinês em instituições locais, o que significava que o dinheiro da nossa bolsa seria pago em moeda taiwanesa. Mas isso não tinha importância, eu só conseguia compreender o valor das coisas através da conversão para o dólar.

O sistema de metro era incrível. Paredes de vidro limpas separavam os comboios das plataformas. Todos faziam fila educadamente ao longo de linhas duplas pintadas no chão. Luzes faziam a contagem decrescente em incrementos de cinco segundos, indicando o tempo até à chegada do próximo comboio, nunca mais de cinco minutos, e, à hora exata, o comboio da linha vermelha em direção a Xiangshan deslizou suavemente até à plataforma.

Saímos na estação de Dongmen. Arrastámos as malas pelas escadas e saímos pela saída 6, tal como o nosso senhorio nos tinha instruído, emergindo no passeio irregular da Rua Yongkang. As vitrinas abertas das lojas ofereciam gelo picado com molhos de fruta, chás de bolhas, taças de *noodles*, fatias de pitaia, cestos inteiros de lichias e *longan*, pãezinhos de porco cozidos a vapor, sanduíches de bolachas de *nougat* e panquecas de cebolinho. As opções impressionaram-me. Não era como em New Haven, onde tudo o que precisávamos estava trancado atrás de vidros; aqui, estava tudo ao ar livre, exposto à nossa frente, com os preços escritos em placas de madeira suspensas. Não precisávamos de saber as palavras, bastava apontar. Três funcionários da mesma loja tentaram dar-me amostras de morangos liofilizados e eu desejei saber uma resposta mais coloquial do que «Não quero… não quero… obrigada.»

Lee, o nosso senhorio, estava à nossa espera no exterior de um café, como prometido. O nosso apartamento ficava no complexo sem identificação ao lado. Ele levou-nos para o andar de cima e, assim que destrancou a porta, percebemos que tínhamos cometido um erro terrível.

Anna e eu tínhamos escolhido este arrendamento de curta duração depois de semanas a ler blogues de viagens, a ajustar os nossos orçamentos e a vasculhar anúncios de apartamentos por toda a cidade. O nosso programa oferecia várias opções de alojamento, mas esses dormitórios eram caros e ocupados inteiramente por estudantes estrangeiros. Tínhamos decidido viver num bairro popular e poupar algum dinheiro. Não queríamos vir até Taiwan apenas para ficarmos isoladas entre americanos.

Percebíamos agora que as fotos no *website* de arrendamentos tinham disfarçado habilmente um pequeno estúdio como sendo um espaçoso apartamento de um quarto. A cama estava atrás de uma estrutura de treliça — esse era o quarto. O sofá que parecera grande o suficiente para oito pessoas era, na verdade, apenas um sofá de dois lugares, demasiado curto para se dormir, a não ser que encolhêssemos os joelhos até ao peito, e estava tão encostado à mesa de centro que, mesmo sentadas, não tínhamos onde pôr as pernas. A casa de banho era limpa, pelo menos, mas minúscula. O chuveiro estava posicionado diretamente sobre a sanita e era por isso que o dispensador de papel higiénico estava protegido por uma tampa metálica.

— Fica tudo molhado quando se toma banho — disse Lee. — Tenho alguns sacos de plástico se precisarem de manter alguma coisa seca.

Não podíamos deitar papel higiénico usado na sanita. Lee sublinhou esse ponto várias vezes. Os canos eram muito antigos e entupiam com facilidade. Isso era comum na maior parte das casas de banho da cidade. Taiwan não era como os Estados Unidos. Se deitássemos papel higiénico na sanita, esta entupiria e poderia até inundar todo o edifício.

— Por favor, por favor, por favor. — Ele juntou as mãos como se estivesse a rezar. — Não se esqueçam.

A *kitchenette* e a máquina de lavar-secar ficavam num estreito terraço exterior, rodeado por grossas ripas de ferro. Isso impedia que o fumo da cozinha entrasse no edifício.

— Não fechem a porta se estiverem sozinhas — avisou ele. — Ela tranca automaticamente, por isso ficariam presas aqui até alguém na rua chamar a polícia.